



BOLETIM DO GRUPO PET CR-UFPEL



Por André Maragno
Bolsista do Grupo PET CR

PET  Conservação e Restauro



EDITORIAL

EXPEDIENTE

O Boletim PETCR é uma publicação semestral do grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo das ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador e Restaurador. São autores dos números integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o email do grupo (pet.cr@bol.com.br).

Coordenadora do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais e Móveis da UFPEL
Karen Velledas Caldas

Bolsistas do grupo PET C&R da UFPEL

Bolsista PET CR/UFPEL Ana Carolina Kohn Behling
Bolsista PET CR/UFPEL André Luís Maragno
Bolsista PET CR/UFPEL Bárbara Moraes
Bolsista PET CR/UFPEL Cláudia Maria Bitencourt Carvalho
Bolsista PET CR/UFPEL Eloísa do Carmo de Oliveira
Bolsista PET CR/UFPEL Juliana Cavalheiro Rodighiero
Bolsista PET CR/UFPEL Larissa Rodales da Fonseca
Bolsista PET CR/UFPEL Mirella Moraes de Borba
Bolsista PET CR/UFPEL Pamela Pereira de Pereira
Bolsista PET CR/UFPEL Rafael Nolasco
Bolsista PET CR/UFPEL Simone Bittencourt de Freitas
Bolsista PET CR/UFPEL Tarsila Costa Rizzi

Voluntárias

Carolina Letícia Nagata
Cintia Tamborindeguy Carvalhal
Francielle Rosa dos Santos
Milena Missai Tsutsui de Oliveira

Produção projeto gráfico

Bruna Peres Cardoso

Tutora Grupo PET C&R UFPEL

Profª. Drª. Francisca Ferreira Michelin

Site:

conservacaoerestaurao.wix.com/pet-cr

Endereço:

Rua Lobo da Costa 1877; CEP: 96010-150, Pelotas - RS

 PET Conservação e Restauro UFPEL

Saudações! Nosso primeiro boletim de 2016 está saindo no segundo semestre, e o atraso não foi à toa. A onda de novidades no primeiro semestre foi grande, não apenas no PET – Conservação e Restauro como na própria Universidade Federal de Pelotas, no país, no mundo. Transformação tem sido a palavra de ordem, e em cada seção desse boletim ela aparece com especial destaque. A chegada de novos integrantes no grupo renova a energia e melhora nossa dinâmica de ações, completando o ciclo – os que se formam deixam saudades; já para os ingressantes, novos desafios. Com a chegada de um novo reitor, nossa universidade também está se transformando, assim como a estrutura do nosso curso: nossa grande curricular está maior, melhor estruturada e uma das novidades dessa reestruturação está aqui nessa edição: uma entrevista exclusiva com o professor de Thiago Sevilhano Puglieri, doutor em Química voltada para bens culturais. Além da tradicional recepção aos novos calouros, festa organizada pelo grupo PET para ambientar os novos ingressantes na graduação, traz além da apresentação de docentes e seus respectivos projetos, visitas guiadas a laboratórios e demais dependências do curso. Outra novidade foi a ação “Uma noite no Museu”, inspirada na famosa série de filmes e que ganhou no dia 21 de Maio uma edição no Museu do Doce, da cidade de Pelotas. Uma ação global que aqui ganhou uma roupagem especial – e com direito a futuras edições nos anos seguintes. Poderemos também acompanhar o relato do salvamento do Museu Grupelli, duramente atingido pelas cheias ocasionadas pelas chuvas na região da cidade de Pelotas, e seu processo de recuperação para novamente abrir as portas ao público. Encerramos com os relatos de aprendizagem e novas experiências de alunas intercambistas, no intuito de poder compartilhar conhecimento, vivências e saberes.

No limiar do novo semestre letivo, esperemos que essas transformações continuem constantes, trazendo mais melhoras, novas atividades e incorporando ao grupo PET e ao curso de Conservação e Restauração a importância de transformações, que mesmo alterando nossa rotina, são sempre salutares.



CRÔNICA



Por Ana Carolina Kohn Behling
Bolsista do Grupo PET CR

A RECEPÇÃO AOS NOVOS ALUNOS DO CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO E ALGUNS FATOS QUE MERECEM SER LEMBRADOS

Neste 23 de março de 2016, o PET Conservação e Restauro promoveu, nas dependências do curso, como forma de recepção aos novos alunos, mais uma Calourada. Novamente, o objetivo do evento foi receber bem os novos alunos, acolhê-los e orientá-los. Esse tem sido o espírito da proposta, mesmo quando não era promovida pelo Grupo PET-CR. No nosso curso ela já foi promovida também pelo Diretório Acadêmico. A calourada é um evento tradicional nas universidades, faculdades, institutos e até em algumas escolas de ensino médio e consiste de uma forma de recepção aos calouros, alunos ingressantes e, usualmente, é promovida pelos veteranos, que são os alunos da turma anterior. A Calourada busca integrar os ingressantes aos demais alunos e professores do curso e ao sistema universitário em geral. Muitas calouradas ocorrem como trote e alguns desses se tornaram famosos pelos resultados trágicos por conta da violência com que foram feitos. Lembram da morte do estudante de medicina Edison Tsung Chi Hsueh, encontrado morto no fundo da piscina da USP em 1999? Por essa razão, várias universidades proíbem o trote. A direção do evento que o PET oferece é bem outra. Além de ser uma confraternização, a calourada inclui a apresentação feita pelo coordenador do curso sobre o dia a dia no curso e o funcionamento das aulas – e da área profissional no Brasil. Nesse evento, é apresentada a grade curricular e os ingressantes visitam os laboratórios de aulas práticas. Os professores também falam sobre as possíveis áreas de atuação do conservador-restaurador no nosso país e sobre os seus projetos de pesquisa, ensino e extensão, convidando alunos que queiram se envolver em atividades extra-classe. O PET Conservação e Restauro por sua vez, apresenta seus próprios projetos e os eventos que promovem, abrindo suas portas para os calouros que desejem aderir ao grupo como voluntários. Com este evento – que é realizado todos os anos – pretendemos diminuir a evasão no Curso, fortalece-lo

e fortalecer a área, que é nova no Brasil e, portanto, ainda causa estranheza. Desejamos que a CR venha a ter grande visibilidade na universidade e nacionalmente. Acreditamos que ações como essa podem contribuir com o Curso, que é noturno e caracterizado por ter boa parte dos seus estudantes trabalhando durante o dia. Integrar, desde o início, alunos e professores deve contribuir para que desponte o reconhecimento dos discentes pela área na qual virão a atuar. No fim, desejamos adquirir e compartilhar do embasamento necessário para que possamos lutar pelo crescimento e reconhecimento do profissional conservador-restaurador.



Fotos da recepção aos novos alunos do Curso de CR-UFPEl feita pelos petianos do Grupo.

Fonte: acervo de fotos do Grupo PET-CR UFPEl. 2016.



EXTENSÃO



Por Francisca Ferreira Michelin
Tutora Grupo Pet C&R UFPel

UMA NOITE NO MUSEU DO DOCE

Tudo o que imaginas, é real.
Pablo Picasso

Em 2006, com o lançamento do filme comédia dirigido por Shawn Levy e protagonizado pelo comediante Ben Stiller, a expressão “Uma noite no Museu” passou a ser sinônimo de aventura. O sucesso do filme em venda de bilhetes determinou mais dois episódios, em 2009 e 2014, que acabaram consagrando a expressão. Se em termos de obra cinematográfica, não valeria fazermos qualquer deferência aos filmes, em termos de uma ideia que vingou e se popularizou, toda a menção é merecida. A partir do filme, vários museus, em diferentes lugares do mundo, abriram suas portas durante alguma noite, geralmente comemorativa, para receber públicos com agenda alternativa de shows e eventos fora da rotina do museu. A ideia não é propriamente nova, há muitos anos o Oceanário de Lisboa oferece, entre suas atividades, a “Dormindo com os tubarões”, outro nome para “uma noite no Oceanário”. Por um preço de 50 euros por aluno ou 60 para cada membro de uma família, escolas e grupos familiares podem desfrutar de horas noturnas ao lado do aquário dos tubarões e depois, terem o direito a uma visita exclusiva antes do museu abrir regularmente. O fato é que a iniciativa parte de um sentimento comum a muitos: os museus são lugares misteriosos. E mesmo que não seja fácil explorar esse sentimento, visitar um lugar à noite, cujo expediente é diurno, pode ter emoção.

Nesse ano de 2016, coincidentemente, oito espaços culturais de Porto Alegre funcionaram das 19h às 24h do dia 21 de maio, abrindo gratuitamente suas portas para que visitantes assistissem espetáculos musicais. O evento Noite dos Museus é uma inspiração no tradicional Lange Nacht Der Museen (A Longa Noite dos Museus), que é promovido desde os anos de 1990 em Berlim, com participação de outros países da Comunidade Europeia. Os noticiários da capital gaúcha informaram a presença de milhares de pessoas nessa atividade.

Do mesmo modo, o Grupo PET realizou a sua noite no Museu do Doce (MD), também no sábado dia 21 de

maio. Interagindo com a equipe do MD e convidando amigos para se apresentarem no local, os alunos do grupo iluminaram as salas do museu de maneira inusual e as ocuparam com oficinas, leituras, música e conversas. A visita ao porão da casa com luz de lanternas foi a ação que explorou, no limite, a ideia desse museu misterioso. Enquanto o dia findava, várias fotos de um mês de maio luminoso, foram feitas das janelas da casa histórica que sedia o MD. E, enquanto a noite avançava, sons e imagens preenchiam o auditório e os outros espaços desse local cheio de histórias. Era para ser uma homenagem aos lugares de tempo, que são os museus. O acaso e a alegria das pessoas que estiveram lá, fizeram com que fosse um momento de imaginação compartilhada. O real é melhor quando imaginado.

No próximo ano, está sendo agenciado, pelo mesmo grupo que promoveu a Noite dos Museus em Porto Alegre, atividade similar em Pelotas e o MD, como outros museus da cidade, já foram convidados a participar. Que venha maio, novamente, com o seu entardecer de luzes lentas e noites mornas. Encheremos de vida os museus e deixaremos a imaginação criar histórias sobre o passado que nos inspira nesses lugares.



Sessão de leitura por Beatriz Pereira na noite do Museu do Doce.



EVENTO



Por Ana Carolina Kohn Behling
Bolsista do Grupo PET CR

RELATOS ALÉM MAR: CONTAR PARA COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO

O projeto de extensão do Grupo PET Conservação e Restauro “De Tudo Um Pouco: Arte, Cultura e Patrimônio”, inaugurou uma nova modalidade no ano de 2016, os encontros chamados “Relatos Além Mar”. Nesses, estudantes da UFPel contam suas experiências de intercâmbio por meio de fotos, relatos e conversa.

O primeiro encontro ocorreu no dia 7 de abril no Museu do Doce da UFPel e teve como convidada a petiana do grupo, Ana Carolina Behling, que relatou seu intercâmbio em Portugal. Mariana Isquierdo, Micheli Afonso, Mirela Borba e Desirée Nobre são alunas da UFPel que desfrutaram incrível experiência de estudar em outro país e falaram sobre os acontecimentos que marcaram sua estada no estrangeiro.

A mestranda Mariana Isquierdo, ex-aluna do curso Conservação e Restauração, que também foi petiana do Grupo, fez intercâmbio de 11 meses em Portugal, na cidade do Porto, no ano de 2013, e contou a dificuldade que enfrentou na chegada: as diferenças culturais e a incomunicabilidade pelo idioma de suas colegas de apartamento, uma da Polônia e a outra da Turquia. Por causa disso, Mariana se mudou e passou a morar sozinha, o que segundo ela, “fez com que eu tivesse que abrir mão de algumas coisas (já que o custo de morar sozinha se tornou bem maior), mas em nenhum momento, eu me arrependi da minha decisão”.

Para Mariana, a experiência de estudar fora serviu de aprendizado sobre si mesma e sobre nossa cultura. “Com a experiência de morar em outro país aprendi principalmente a me conhecer. Quando a gente sai do nosso meio passamos a nos enxergar com outros olhos. Em contato com outras culturas a gente passa a entender melhor a nossa. E essa é uma das melhores sensações de estar fora, o autoconhecimento”.

Infelizmente, como em todas as experiências, há um fim e é preciso voltar para casa. “Voltar para o Brasil foi muito difícil. Durante meus 11 meses em Portugal eu

construí uma rotina (...), uma vida no Porto (...).” Mas, no final, Mariana deixa uma dica para quem quer fazer o intercâmbio: “Faça! Vai ser a melhor coisa que vais fazer na tua vida”.

Os estudantes da UFPel que pretendem fazer intercâmbio precisam contatar a Coordenação de Relações Internacionais (CRInter) que em 2013, deu um novo formato ao Departamento de Intercâmbios e Programas Internacionais (DIPI), setor que até 2012 cuidava dos programas de mobilidade acadêmica. No novo formato foram criados outros convênios e a UFPel passou a ter o Ciência Sem Fronteiras (CSF).

O primeiro passo para fazer intercâmbio é verificar se há edital aberto e se o país de sua escolha possui convênio com a nossa universidade. Há duas formas de estudar no exterior, com bolsa e sem bolsa. Quando se escolhe estudar com bolsa, há editais específicos com programas diferentes que oferecem alguns países de destino por vez. Portanto, é recomendado pesquisar no site e entrar em contato com a CRInter para ver se o país que deseja está no programa da bolsa.

Para informações de como fazer intercâmbio, entre em contato com o CRInter no site: <http://wp.ufpel.edu.br/crinter/>.



Desirée Nobre Salazar, aluna do Curso de Terapia Ocupacional relatando sua experiência de um ano em Portugal, atuando no Museu da Batalha com recepção de pessoas com deficiência e ações educativas.

Foto: Acervo do Grupo PET CR.



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM THIAGO SEVILHANO PUGLIERI

Professor no Departamento de museologia, conservação e restauro
na Universidade Federal de Pelotas



Por André Maragno
Bolsista do Grupo PET CR

Informações sobre a entrevistada

Professor adjunto no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro e professor efetivo no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, UFPel. Possui Doutorado (2015, com estágio na Universidade de Aveiro) e Mestrado (2011) em Ciências-Química, pela Universidade de São Paulo (USP), e Bacharelado em Química pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, 2008). Tem experiência na área de Química com ênfase em Espectroscopia Vibracional, atuando nos seguintes temas: conservação do patrimônio histórico e cultural (investigações do efeito

de microambientes na degradação de materiais pictóricos) e análises de obras de arte, visando tanto sua conservação/restauração quanto a verificação de sua autenticidade (química forense).



Thiago Sevilhano Puglieri

1. Quais foram os maiores desafios do seu processo de formação na área da Conservação e Restauração?

Eu diria que a melhor resposta seria em relação a quais são, não quais foram, os maiores desafios no meu processo de formação na área de conservação e restauração. Esse pequeno tempo verbal é de extrema importância porque a nossa formação é constante, principalmente num campo tão interdisciplinar como o nosso. De qualquer forma, temporalmente, por eu ter me graduado em bacharel em química meu primeiro desafio foi descobrir que essa ciência tem aplicação na conservação, restauração e investigação de bens culturais, pois esse ainda é um campo desconhecido na maioria dos cursos de química em todo o país. Logo após ter descoberto essa aplicação, e iniciado meu mestrado e doutorado em físico-química aplicados a bens culturais, surgiu um segundo e grande desafio: compartilhar e aplicar meus conhecimentos e resultados para conservadores e restauradores que, historicamente no Brasil, não apresentam formação em ciências exatas. Por sorte, ter profissionais experientes me orientando na pós-graduação e me auxiliando na presente atuação tem permitido transpor esses desafios de modo cada vez mais eficiente e dinâmico.

2. Qual sua opinião sobre a inclusão de áreas tecnológicas e ciências exatas nos currículos de formação do profissional no Brasil?

Essa inclusão é fundamental, uma vez que ela deve promover o conhecimento sobre a estrutura dos materiais, suas propriedades, seus comportamentos, sobre exames físicos e químicos e sobre monitoramentos ambientais.



Embora essa tendência siga os passos já adotados por muitas instituições estrangeiras, particularmente ainda é bastante tímida quando comparada com muitos cursos no exterior. É compreensível que para conservar ou restaurar um bem cultural precisa-se saber o que ele é e como ele se comporta frente a um determinado ambiente ou a um determinado processo interventivo. Somente com esse conhecimento torna-se possível fazer escolhas conscientes para a conservação e restauração de um objeto, dentro, obviamente, das condições reais que o conservador e restaurador terá para trabalhar. Além da inclusão de áreas tecnológicas e de ciências exatas, eu destaco a necessidade da inclusão de ciências biológicas nesses cursos, considerando a realidade ambiental de nosso país.

3. Multifacetado ou expertise? Como você vê o perfil do conservador-restaurador no Brasil?

Quando se pensa na formação em nível de graduação do conservador e restaurador, particularmente é inviável se pensar em expertise, pois essa atribuição geralmente se adota à pessoa que estudou e atuou a fundo num determinado tema. Neste sentido, o perfil do conservador e restaurador recém-graduado somente pode ser considerado multifacetado. Quando se pensa em nível de doutorado, por exemplo, pode-se sim pensar em expertise, mas sempre dentro de um referencial.

4. As graduações em Conservação e Restauração são apenas 3 no país. Assim como o boom das graduações em museologia na última década, de acordo com incentivos políticos e culturais, você vê um crescimento da formação em Conservação e Restauração em outros estados do país?

Sim, eu vejo um crescimento, como é o caso de uma pós-graduação recentemente criada na Universidade de São Paulo (USP). Esse é um tema, no entanto, complexo e que precisa ser discutido dentro de contextos sociais e culturais nacionais. Muitas políticas vêm sendo pensadas e aplicadas na tentativa de ampliar a fomentação, atuação e formação do conservador e restaurador. Há de se considerar, contudo, que, apesar de o Brasil ter um patrimônio histórico, artístico e cultural muito rico, o mesmo ainda é pouco valorizado nacional e internacionalmente. É uma questão cultural e social do país. É difícil, particularmente, ampliar de modo significativo a atuação, o fomento e a formação na área de conservação e restauração se não há grande reconhecimento desse patrimônio. É nesse âmbito, principalmente, que eu acho de extrema importância o boom das graduações em museologia, pois em grande parte são esses cursos que visam a promover a valorização patrimonial, de modo que a museologia e a conservação-restauração precisam caminhar lado a lado, como a UFPel tem feito cada vez mais com maestria.

5. Normalmente estudantes recém formados têm ideia das áreas no mercado de trabalho ao qual pretendem se inserir. No caso da Conservação e Restauração, os desafios de inserção são maiores. Em sua experiência, qual conselho você daria para os estudantes formandos?

Vou aproveitar para dar um conselho não só para os formandos, mas também para os recém-ingressos. Para esses últimos: aproveitem as oportunidades que vocês têm para adquirir conhecimento e para aprender além do que te é oferecido, adquirindo criticidade e autonomia para a resolução de problemas, pois é isso que os tornarão profissionais de excelência e os diferenciarão no mercado de trabalho. Aos já formandos: apesar de a inserção no mercado de trabalho não ser das mais fáceis para os conservadores e restauradores, os desafios na vida são constantes. Se é realmente essa profissão que vocês querem, busquem-na, sem medo de assumir responsabilidades, nem de saírem de suas zonas de conforto, mas sempre reconhecendo seus limites. Se necessário, mudem de cidade, mudem de estado. Escutem os mais experientes com atenção. Sejam honestos acima de tudo e nunca parem de estudar, aliás estudem muito. E como um último conselho, deixo pra vocês um trecho dos Velhos Baianos: “E pela lei natural dos encontros, Eu deixo e recebo um tanto, E passo aos olhos nus, Ou vestidos de lunetas”. Não se esqueçam das lunetas!



PROJETO



Por Eloisa do Carmo
Bolsista do Grupo PET CR

O SALVAMENTO DO MUSEU GRUPPELLI

Em 1905, o italiano Arcádio Gruppelli adquiriu terras na Colônia Municipal de Pelotas a fim de estabelecer um empreendimento agrícola e comercial na região. Na década de 1920 foram inaugurados o Armazém e Restaurante da família, “ponto de encontro” de viajantes e moradores da região. Juntamente com a comunidade imigrante italiana e alemã, a família Gruppelli construiu uma série de empreendimentos para a região do 7º Distrito, que até hoje são mantidos. Das construções originais espalhadas pela propriedade, restaram o prédio principal (armazém, restaurante e residência da família) e um sobrado que, a princípio foi adega, depois, hospedaria e hoje abriga o Museu Gruppelli. Inaugurado em 1998, o Museu tem por objetivo preservar a memória da região. Em seu acervo, encontram-se artefatos agrícolas, utensílios domésticos, objetos de decoração, material didático, fotografias e documentos, todos relativos às atividades desenvolvidas pela comunidade do 7º Distrito, formada por descendentes das colonizações alemã e italiana.

No fim de semana de Páscoa de 2016 (dias 26 e 27 de março) houve uma chuva avassaladora que transbordou o arroio Quilombo e veio a atingir gravemente a região. As instalações da família Gruppelli foram inundadas por uma correnteza de cerca de 1m de altura. O medo se instaurou em todos os moradores: o Museu Gruppelli fora envolto em lama e, com ele, suas memórias.

A notícia da inundação correu rapidamente. Professores e alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauração se mobilizaram, formando um grupo para o mesmo fim: o Salvamento do Museu Gruppelli. Através de visitas ao lugar, o grupo se deparou com a desoladora realidade: grande parte do acervo havia sido levada pela correnteza e o que permaneceu, estava envolto em água e lama. A família, até então, já havia retirado as grossas camadas de lama e ventilado o

local. Coube à equipe do resgate dar início ao trabalho de recuperar o acervo, fazendo uma limpeza dos objetos. Documentos de papel e objetos têxteis foram levados ao Laboratório de Conservação e Restauração de Papéis para receberem tratamentos adequados sob supervisão da Professora Silvana Bojanoski. Quanto aos demais objetos, foram limpos e postos a secar com ajuda de ventiladores na própria instituição. Os ventiladores também foram essenciais para a secagem e ventilação de mobiliários, pisos e paredes do Museu.

Gradativamente as paredes e memórias do Museu foram se recuperando e, aos 15 de maio de 2016, abriram-se as portas novamente para visitação. O salvamento fora um sucesso: um ato de bravura e orgulho para a população local. O Museu encontra-se aberto e em fase de construção da próxima exposição temporária, que tratará justamente da enchente e das marcas por ela deixada.



Museu Gruppelli.
Fotos: Francisca Michelon.



Ações de higienização do acervo no salvamento do Museu Gruppelli feita por alunos e professores do Curso de Museologia da UFPel.
Fotos: Francisca Michelson.